

ESTUDOS CULTURAIS (EC) EM QUESTÃO: percursos teórico-metodológicos,
modos de pensar e de fazer

CULTURAL STUDIES (CS) IN QUESTION: theoretical and methodological
approaches, ways of thinking and doing

ESTUDIOS CULTURALES (EC) EN CUESTIÓN: trayectorias teórico-metodológicas,
formas de pensar y de hacer

Kelvin Oliveira do Prado¹

Maria de Fátima de Andrade Ferreira²

RESUMO:

Este trabalho, como resultado dos estudos de doutoramento, objetiva avançar em uma reflexão acerca dos estudos culturais (EC) em sua dimensão pluralística e em movimento, desde o seu surgimento em Birmingham. Busca-se promover meios de visualizar sua aplicabilidade teórico-metodológica de modo a facilitar a compreensão dos interessados em tais estudos nos modos de fazer e aplicar a perspectiva dos EC, seja no campo educacional ou midiático-comunicacional, envolvendo as práticas socioculturais, que são o principal direcionamento dessa vertente. Para isso, mobiliza-se a literatura clássica dos EC britânicos em diálogo com as perspectivas norte americana e latino-americana, aliada aos *New Cultural Studies*. Conclui-se que essa dimensão dos EC permite visualizar a sua aplicabilidade teórico-metodológica, facilitando a interlocução com campos diversos, como o pós-estruturalismo. Essa abertura possibilita abarcar questões novas na contemporaneidade, ampliando e delimitando fronteiras no campo, dado seu escopo político e prático, não apenas teórico, na percepção da(s) cultura(s). Especialmente diante do advento da internet, das novas identidades (ou identificações), da dinâmica produção de informações etc. Portanto, cabe ao leitor notar que ao utilizar os EC, assumirá uma posição ao enxergar o mundo e ao descrevê-lo em

¹ Doutorando em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6649-7502>. E-mail: kelvinprado17@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Plena da Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem (DCHEL), docente do curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Ensino (PPGEN/UESB), Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) e Programa de Pós-Graduação Doutorado em Ensino da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN/UESB). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares (NUGEET) e Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola (UESB). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4094-6741>. E-mail: mfatimauesb@hotmail.com.

suas relações e práticas. Para tanto, é imprescindível uma tomada de posição política e prática na análise de quaisquer objetos em distintos contextos e épocas.

Palavras-chave: Estudos Culturais Britânicos; Estudos Culturais Brasileiros; Novos Estudos Culturais; Metodologias.

ABSTRACT:

This paper, as a result of doctoral studies, aims to advance a reflection on cultural studies (CS) in its pluralistic and dynamic dimension since their emergence in Birmingham. It seeks to promote ways of visualising its theoretical and methodological applicability in order to facilitate the understanding of those interested in such studies in the ways of application and operation the perspective of CS, whether in the field of education or media and communication, involving sociocultural practices, which are the main focus of this study aspect. To this end, it draws on the classic literature of British CS in dialogue with North American and Latin American perspectives, combined with New Cultural Studies. It is concluded that this dimension of EC allows us to visualise its theoretical and methodological applicability, facilitating dialogue with various fields, such as post-structuralism. This openness makes it possible to address new issues in contemporary times, expanding and delimiting boundaries in the field, given its political and practical scope, not just theoretical, in the perception of culture(s). This is especially true in light of the advent of the internet, new identities (or identifications), the dynamic production of information etc. Therefore, it is up to the reader to note that when using EC, they will take a position when viewing the world and describing it in its relationships and practices. To this end, it is essential to take a political and practical stance in the analysis of any objects in different contexts and eras.

Keywords: British Cultural Studies; Brazilian Cultural Studies; New Cultural Studies; Methodologies.

RESUMEN

Este trabajo, como resultado de los estudios de doctorado, tiene como objetivo avanzar en una reflexión sobre los estudios culturales (EC) en su dimensión pluralista y en movimiento, desde su aparición en Birmingham. Se busca promover medios para visualizar su aplicabilidad teórico-metodológica con el fin de facilitar la comprensión de los interesados en dichos estudios sobre las formas de hacer y aplicar la perspectiva de los EC, ya sea en el campo educativo o mediático-comunicativo, involucrando las prácticas socioculturales, que son la principal orientación de esta vertiente. Para ello, se moviliza la literatura clásica de los EC británicos en diálogo con las perspectivas norteamericana y latinoamericana, aliadas a los Nuevos Estudios Culturales. Se concluye que esta dimensión de los EC permite visualizar su aplicabilidad teórico-metodológica, facilitando el diálogo con diversos campos, como el posestructuralismo. Esta apertura permite abarcar nuevas cuestiones en la contemporaneidad, ampliando y delimitando fronteras en el campo, dado su alcance político y práctico, no solo teórico, en la

percepción de la(s) cultura(s). Especialmente ante la llegada de Internet, las nuevas identidades (o identificaciones), la dinámica producción de información, etc. Por lo tanto, cabe al lector señalar que al utilizar los EC, asumirá una posición al ver el mundo y describirlo en sus relaciones y prácticas. Para ello, es imprescindible adoptar una posición política y práctica en el análisis de cualquier objeto en distintos contextos y épocas.

Palabras clave: Estudios culturales británicos; Estudios culturales brasileños; Nuevos estudios culturales; Metodologías.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o objetivo de promover uma reflexão acerca dos estudos culturais (EC), ou *Cultural Studies*, em sua dimensão pluralística e em movimento, desde o seu surgimento na Inglaterra (o que não implica uma historiografia dos EC, apenas uma introdução), busca-se promover um meio de visualizar a sua aplicabilidade teórico-metodológica de modo a facilitar a compreensão dos interessados em tais estudos, mormente nos modos de fazer e de aplicar a perspectiva dos EC, como no campo educacional e midiático-comunicacional, envolvendo as práticas sociais e culturais que são os principais direcionamentos dos EC.

Para isso, mobiliza-se a literatura clássica dos EC britânicos em diálogo com a perspectiva latino-americana, tendo um foco no que se diz e faz hoje no campo, sobretudo no denominado *New Cultural Studies*. Não obstante, ao falar dos estudos culturais (EC), utiliza-se o termo EC ao longo do texto em referência aos estudos culturais, além de que esta não é uma tarefa simples. Sabe-se que as palavras têm história, junto a elas estão os conceitos, portanto, adotar ou mobilizar um conceito também significa aderir a uma história, ou melhor, filiar-se aos aspectos genealógicos desse conceito, isto é, aos seus elementos históricos e políticos, trata-se de tomar posições no mundo assumindo pontos de vista.

Desse modo, é preciso conhecer a trajetória das ideias para melhor precisão conceitual, algo que só pode ser feito via imersão em seu trajeto até o presente,

averiguando os seus usos e desusos ao longo do tempo por diferentes sujeitos e grupos. Pode-se pensar sobretudo em conceitos mais recentes e/ou que ganharam cada vez mais espaço, mesmo fora da academia e em temas sociais, a saber: a interseccionalidade e a (de)colonialidade, soma-se o pós-colonialismo (enquanto campo acadêmico-científico), ou mesmo os conceitos mais célebres e “estáveis” no presente, mas ainda em disputa, como as noções de cultura, discurso (e narrativa), gênero, sexualidade e raça. É assim que adotar determinados conceitos é postular formas de enxergar e interpretar a realidade, o que ocorre com os EC, também em disputa e com seus principais termos, como são delineados ao longo deste texto.

Vê-se que as palavras têm história, então é importante entender que há “uma” perspectiva teórico-metodológica que refletiu as demandas de um tempo-espaço específico, tratando-se, nesse caso, da dimensão inglesa; mas que se espalhou para outros contextos e que conseguiu atender a demandas, de formas complexas, em distintas conjunturas. Esse é o caso pertinente nos EC, em que há discussões iniciais que contam com profícuas interlocuções, as quais vão dialogar de formas semelhantes, mas também de formas distintas, às vezes com mais dissensos do que consensos. Porém, podem ser agenciados de maneira que seja possível compreender a realidade social e cultural de formas mais amplas em suas próprias contradições.

Nos EC não há um “método”, no sentido tradicional do termo, dada a própria pluralidade e a não disciplinaridade rígida dos EC, em que há uma variedade de abordagens e metodologias que se combinam para analisar as relações entre a cultura, o poder e a identidade, mas que avançaram e continuam avançando em torno da linguagem, sobretudo com as contribuições de Stuart Hall. O foco está na crítica materialista das categorias social e culturalmente construídas, inicialmente sobretudo nas ideias de classe e de nação, mas que hoje são combinadas ao âmbito do gênero e da raça, buscando entender como essas categorias moldam as experiências humanas e as relações sociais.

ESTUDOS CULTURAIS: GENEALOGIA, AMBIVALÊNCIAS E CONCEITOS

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Unidade Universitária de Campo Grande

ISBN: 2526-4052 | Volume 10 | Nº 21 | Ano: 2026 – DOI: <https://doi.org/10.61389/1njzdd15>

Os EC têm múltiplos discursos, é o que pontua Stuart Hall (1991, p. 278), isto é, eles têm várias histórias diferentes, são um conjunto completo de formações; têm suas próprias conjunturas e momentos diferentes no passado. Incluíram, portanto, diferentes tipos de trabalho. Sempre foram um conjunto de formações instáveis. Muitas pessoas tinham e têm trajetórias diferentes através deles; foram construídas por várias metodologias e posições teóricas diferentes, todas elas em disputa. E, como alerta Shome (2024), os EC não são uma área de pesquisa ou uma “disciplina”, mas uma forma de trabalhar e de se envolver em análises críticas que podem informar todas as disciplinas/áreas de pesquisa. E não se trata do estudo da cultura em si; trata-se do que é praticado ou compreendido como “cultura” em relação ao que ‘não é’ cultura.

Dentro desse escopo dos EC há um aspecto importante, trata-se da base contextual, em que os estudiosos abordam essa noção relacionado ao âmbito contextual de maneiras diferentes; alguns podem nem usar conscientemente o termo em suas abordagens, mas os seus trabalhos evidenciam um compromisso com o chamado “contextualismo”. Para alguns, como Grossberg (2006), um “*radical contextualism*” ou “contextualismo radical”, ou mesmo um “conjunturalismo”, essa compreensão contextualista e/ou conjunturalista do projeto dos EC sugere que eles surgiram em formas específicas como resposta a uma conjuntura específica. Ao passo que, para Hall (1991), e os que seguem seu caminho (como Grossberg), um contexto é melhor compreendido como uma conjuntura, noção que ele retoma e reformula a partir de Gramsci.

As CS scholars, when we examine a context, that context is merely the starting point in the analysis of a wider articulation of social relations, including the anterior conditions that have produced the context. In other words, it is about opening up the context to see how larger relations are making it up while it is also shaping those relations (including their future directions)³ (Shome, 2024, p. 495).

³ “Como estudiosos dos EC, quando examinamos um contexto, esse contexto é apenas o ponto de partida para a análise de uma articulação mais ampla das relações sociais, incluindo as condições anteriores que produziram o contexto. Em outras palavras, trata-se de abrir o contexto para ver como relações mais

Assim, o contexto é a análise de uma articulação ampla das relações sociais, incluindo as condições de sua produção e as possibilidades futuras do contexto. O contexto é o início e também o “fim” das investigações. Coletam-se os dados que puder e, em seguida, é feita a junção, do mesmo modo que peças de um quebra-cabeça, para que se possa visualizar o modo como as relações estão estruturando um contexto específico com suas estruturas de poder, relações diversas e formações discursivas específicas, as quais estão articuladas a essas estruturas. Esse é o “método!” O contextualismo radical não é apenas uma prática intelectual; é sobretudo um mecanismo importante para construir a solidariedade transnacional entre estudiosos. Dessa maneira, “historicizando” e provincializando contextos vistos *a priori* como ‘universais’. Hall (1991) evidencia, aos que leriam o nascimento dos EC como um projeto intelectual, que, na verdade, os EC nasceram como um projeto político, uma forma de analisar a cultura capitalista avançada do pós-guerra. Não é tão surpreendente que esse surgimento esteja ligado ao nascimento da Nova Esquerda (*New Left*) como um grupo político distinto e, por um tempo, os dois movimentos permaneceram ligados. Essa Nova Esquerda, em sua primeira encarnação (a primeira Nova Esquerda é datada de 1956, não de 1968), afirma Hall (1990), estava comprometida com o projeto de uma análise da natureza da sociedade, tendo reconhecido (ao contrário da esquerda tradicional, incluindo a marxista) que muitas ferramentas teóricas e analíticas disponíveis que haviam herdado não eram muito eficazes para a tarefa, pois reconheceram a importância da mudança cultural no período.

Foi Richard Hoggart quem deu ao projeto dos EC uma forma institucional. Hall (1990, p. 12-13) alerta que a tentativa de fundar o Centro de Estudos Culturais foi originalmente um projeto de Hoggart (particularmente com a obra “*The Uses of*

amplas o compõem, ao mesmo tempo em que ele também molda essas relações (incluindo suas direções futuras)” (tradução nossa).

Literacy"⁴), no qual ele gostaria de continuar seu trabalho iniciado na referida obra, em que escreveu acerca da sua própria origem na classe trabalhadora e também sobre a forma como a cultura dessa classe estava a ser transformada pelas novas forças da cultura de massas. Hall pensa a linguagem e a representação na cultura, ele é visto com desconfiança pelos marxistas, mesmo que também seja marxista, visto que o marxismo marca essas primeiras gerações de fundadores dos EC. Dar-se-á ainda a interlocução que Hall estabelece com diversos autores estruturalistas e pós-estruturalistas, marcando desconfianças inclusive em sua perspectiva representacional partindo da linguagem, em uma ambivalência que o põe, na visão de alguns críticos, como "pós-moderno".

Hall (1997; 2003; 2016) entende que nem o marxismo ou mesmo o pós-estruturalismo (detido ao campo linguístico) entenderiam questões atinentes a outros contextos fora da Europa, seja América, África ou Ásia, tendo em mente as questões raciais, mesmo com a crítica europeia pós-moderna à própria modernidade europeia. Portanto, vincula-se a sua crítica ao eurocentrismo e a tensão perante a discussões acerca da questão colonial, o que estabelece diálogos profícuos com as perspectivas de gerações pós-estruturalistas, como as gerações de pós-colonialistas. Então insurge uma problematização acerca dos "limites" vigentes nos EC então mobilizados, no qual, por conseguinte, uma amplitude maior é dada a outras dimensões da vida social e cultural. Dado o exposto, vê-se que a movimentação intelectual que surge no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra da segunda metade do século XX, provocou reviravoltas na teoria cultural, tornando-se o que seria conhecido como EC Britânicos, que não é um conjunto articulado de pensamento estável (Costa; Silveira; Sommer, 2003). Contudo, há aí a preocupação com a(s) cultura(s) em um processo que abarca discursos múltiplos.

Nesse contexto, as problematizações da cultura passam a ser entendidas em um espectro amplo, isto é, indo além da cultura de elite ou de uma dicotomia entre cultura

⁴ Em português: "*As utilizações da cultura – vol. 1, aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*". O livro de Hoggart toma como referência o "debate literário" em torno da "sociedade de massa", na tradição do trabalho identificado com o trabalho do crítico literário Frank Raymond Leavis, na revista literária "*Scrutiny*", periódico em que era editor e que foi fundado em 1932.

de elite e de massas (vigente na Sociologia), no qual as prerrogativas da Antropologia passariam a ser presentes na ideia de “cultura”, com isso, o sentido de cultura nos EC é de viés antropológico. Não entrarei nos debates acerca do conceito de cultura, visto que abrangem uma complexa cadeia de tensões em mais de um âmbito “disciplinar” e que fogem ao escopo do artigo. Por outro lado, vê-se com Raymond Williams (1985) que a palavra “cultura” é uma das mais complicadas da língua inglesa (mas isso não é diferente na língua portuguesa).

De modo prático, como aponta Barker (2005, p. 11), como parte dos conceitos-chave que constituem a formação discursiva dos EC, há o impacto unânime do conceito de cultura. Não se trata somente da noção de cultura *per se*, porque ela abarca uma gama de fenômenos que a constitui como tal, isto é, como cultura. Desse modo, surgem conceitos como: poder; representação; subjetividade; identidade; linguagem; discurso e texto, por exemplo, como alguns dos termos mobilizados em seus usos e desusos. Entretanto, há ainda conceitos como: materialismo cultural; ideologia (herança marxiana e do marxismo); hegemonia (herdeira de Gramsci); economia política, cultura popular; formação social e anti-essencialismo.

É notório o fato de que os estudiosos da cultura diferirão acerca de como tais conceitos serão mobilizados. Esse conjunto conceitual é parte de uma gênese que remonta a uma multiplicidade de paradigmas teórico-metodológicos, visto que rememoram associações com as influências do marxismo, do estruturalismo, do pós-estruturalismo e da psicanálise. Dentro dos EC, as leituras mais “deterministas” originadas por leituras embasadas no marxismo não ganharam nem ganham tanto espaço, dado que a agência ou a *práxis* do sujeito dentro da cultura é importante. Sendo assim, com as influências do estruturalismo, isto é, em seu entendimento estruturalista da cultura no que diz respeito ao “sistema de relações” subjacente à estrutura (a linguagem) e à gramática, que faz com que os significados sejam possíveis, esses campos ganham fôlego, sobretudo com o pós-estruturalismo (com a desconstrução e a diferença) e a instabilidade do significado.

Quando a noção de ‘crítica’ é levantada, importa ter em mente pontos que alguns estudiosos dos EC, como Raka Shome (2024), chamam a atenção, como a constatação de que muitos dos estudos que se tem classificado como no “campo dos EC”, ou que advogam isso, muitas vezes são críticas culturais. Além de que há o que se tem denominado de “*critical cultural studies*”, isto é, “estudos culturais críticos”. Mas, questiona ela, o que são “estudos culturais críticos”? Existe algum tipo de EC que não seja crítico? Ao invocar os “estudos culturais críticos”, revela-se uma falta de compreensão do projeto dos EC. São fatores importantes aos que investem nos EC como uma forma de pensar, agir e aplicar metodologicamente e teoricamente suas análises.

Logo, abordar os EC não é falar de uma disciplina. Os EC são um empreendimento controverso de relações entre cultura, comunicação de massa e cultura popular nas categorias de “texto”, sendo os elementos lidos como textos (Escosteguy; Schulman; Johnson, 2004); isto posto, são hoje um movimento com cursos próprios em universidades, com influência nos Estudos Literários, Ciências Sociais, Comunicação, Linguística e História.

No contexto britânico os EC nascem, em meados dos anos de 1950, nas reelaborações teóricas que se processam. Essa formação inicial supre necessidades intelectuais de uma nova configuração sócio-histórica (Cevasco, 2003). Nesse sentido, Raymond Williams⁵, Edward Thompson⁶ e Richard Hoggart⁷ deram impulso ao que seriam os EC Britânicos; tempos depois Stuart Hall obteve reconhecimento ao contribuir com o campo levando em consideração as perspectivas étnicas e diaspóricas. Nessa ótica de experiências vividas, na sua salutar contribuição, ele examina como a experiência molda a pesquisa e a intelectualidade tendo em vista a posição de ser um sujeito colonial em que sua voz ecoa em uma obra póstuma, a saber: “*Familiar Stranger: A Life Between Two Islands*”, organizada por Bill Schwarz (Hall; Schwarz, 2017), no qual Hall entende que não há separação entre a experiência vivida e a vida ou produção

⁵ “*Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*”, de 1958; “*Palavras-chave*”, de 1976.

⁶ “*A Formação da Classe Operária Inglesa*”, de 1963.

⁷ “*As Utilizações da Cultura*”, de 1957.

intelectual. Afinal, suas experiências pessoais em uma família jamaicana, ainda em uma colônia britânica nos anos 1930, moldaram seu trabalho intelectual, político e teórico.

Essas informações devem ser consideradas na construção do conhecimento. À vista disso, fundamenta-se a importância de pensar uma esfera que envolve relações e experiências subjetivas, somadas a observâncias sócio-históricas, linguísticas, políticas, econômicas e culturais que aglomeram poderes que permeiam realidades semelhantes e distintas de sujeitos. As contribuições dos EC podem permear elementos e objetos em que tudo pode ser analisado como prática ‘na’ e ‘da’ cultura e do social, permeando as práticas em diferentes aspectos, sejam elas de diferentes instituições, isto é, religiosa, militar, escolar etc., bem como na relação dos sujeitos dentro dessas instituições, nas dinâmicas entre a cultura e o poder. O que pode advir da experiência do pesquisador.

Sob tais circunstâncias, os trabalhos dos EC, mesmo não sendo homogêneos em suas perspectivas, unem-se em uma abordagem que enfatiza a urgência de analisar a produção cultural da sociedade para o entendimento do meio, identificando possíveis padrões, práticas e textos, isto é, discursos, como tudo aquilo que produz significados.

AMÉRICA LATINA E AMÉRICA DO NORTE NOS IMBRÓGLIOS DOS ESTUDOS CULTURAIS

Espraiando-se para fora do contexto inglês e tendo vulto ao atender demandas diversas pelo planeta, os EC chegaram aos contextos americanos, inclusive ao Brasil. Os EC estabeleceram um montante de prestígio e êxito como forma de ler e interpretar o mundo e as práticas culturais fornecendo teoria e prática como possibilidades em “um só” eixo intelectual. Na América Latina tiveram expansão chegando a criar polêmicas. Essas polêmicas têm início pela circunscrição do que “pertenceria” ou não aos EC, já por si só “um campo” caracterizado como teórica e metodologicamente instável. E, de forma paradoxal, os nomes mais associados aos EC na América Latina (Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Beatriz Sarlo) não se reconhecem alinhados aos EC de maneira incontestável. No entanto, os EC capitalizaram e renomearam estudos de “análise cultural”

que se faziam na América Latina anteriormente, influenciando o seu desenvolvimento (Costa; Silveira; Sommer, p. 43, 2003).

No Brasil, por exemplo, pesquisas recentes como a de Rodrigues e Gomes (2023) mostram que, na formação do cânon dos EC brasileiros, ainda nos anos 1990, constituíram-se um corpus de referência para a área nascente com atenção às questões educacionais, havendo traduções de autores mediando as representações do que seriam os EC no cenário nacional. Com isso, há uma proposta oriunda da região sul em relação aos EC e que se afasta das origens britânicas, ligando-se aos pós-estruturalismos a partir de estratégias de tradução, interpretação e divulgação de teorias que se configuram como mediação cultural.

Sob tais efeitos, no Brasil, os EC contam com uma aproximação marcante com o pós-estruturalismo e já está em voga a defesa de uma renovação dos EC dados os novos fenômenos e artefatos 'da' e 'na' cultura. Porém, muitas questões de vulto hoje já existiam no contexto inglês, mas outras merecem novos tratamentos, talvez sobrepostas ao que já existe enquanto teoria e método(s). À época, questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade, bem como de classe, eram os âmbitos em que as relações e práticas culturais eram estabelecidas. Todavia, hoje há querelas acerca da internet e das problemáticas adjacentes, como as questões ambientais etc., mobilizando novas formas de práticas socioculturais, mesmo com a globalização e a influência de mecanismos de poder, da linguagem, das identidades e da representação.

Nos Estados Unidos da América, mas não só lá, Hall (1991) traçava a sua preocupação com o fato de que autores "adeptos" a posições como a dos EC estivessem esquecendo da genealogia do campo. Ele alerta que é preciso preservar a natureza essencial da reflexão crítica e as percepções quanto ao que a teoria pode trazer para a prática política. Com isso, entende-se o problema da institucionalização dessas construções: os EC britânicos e os EC americanos. Então, não reivindicando autoridade ou autenticidade, mas de forma posicional e política, ele diz como o campo deve ser definido. Com isso, passa a pensar na rápida institucionalização ocorrida nos EUA, em

que a explosão dos EC, diz ele, lembra-o de como na Grã-Bretanha estavam cientes da institucionalização como um perigo. Há ainda a dúvida de que a textualização (desconstrução) avassaladora dos discursos dos EC constitui o poder e a política como questões exclusivamente relacionadas à linguagem e à textualidade em si.

O que não quer dizer que Hall não acredite que questões de poder e de política estejam alojadas nas representações, que sejam questões discursivas. No entanto, há maneiras de constituir o poder como um significante fácil, que deixa as conexões entre poder e cultura vazios de significado. É esse, entende o autor, o perigo na institucionalização dos EC no mundo financiado na academia americana.

NEW CULTURAL STUDIES: O NOVO EM SUAS RELAÇÕES E DIMENSÕES TEÓRICAS

Em *“New cultural studies: Adventures in theory”* (2006) Clare Birchall e Gary Hall organizam artigos que discutem questões recentes dos EC, ou dos “Novos Estudos Culturais”. Importa salientar que vários desses autores “pós-estruturalistas”, como o caso de Judith Butler após 1990, mas inclusive os franceses no auge de maio de 68 (Derrida, Deleuze etc.), ou enquadrados nesse “modelo” de pensamento, são intelectuais postos no centro do que se tem denominado de *New Cultural Studies*, enquanto territórios marginalizados nos EC convencionais. Para tanto, intenta-se realizar uma aproximação teórico-política de questões centrais dos EC britânicos no cerne das proposições de Hall, com elementos da desconstrução como um dos exemplos.

Looking at instances where there is already a recognised relation between cultural studies and certain theorists – Deleuze, Haraway, Laclau and Mouffe, Žižek and so on – New Cultural Studies also examines the work of a number of thinkers who are relatively new even to the arena of theory, and whose work has to date been somewhat underappreciated and underutilised within the English-speaking academy (and certainly within cultural studies). Agamben, Badiou, Kittler and Luhmann could all perhaps be included in this latter category⁸ (Hall; Birchall, 2006, p. 18).

⁸ “Analisando casos em que já existe uma relação reconhecida entre os EC e certos teóricos – Deleuze, Haraway, Laclau e Mouffe, Žižek, etc. –, os Novos Estudos Culturais também examinam o trabalho de vários pensadores relativamente novos, mesmo no campo da teoria, cujo trabalho tem sido subestimado e subutilizado na academia de língua inglesa (e certamente nos EC). Agamben, Badiou, Kittler e Luhmann

Gary Hall e Birchall lembram que não se pode negar o impacto do estruturalismo, marxismo, pós-marxismo, desconstrução, psicanálise, teoria feminista francesa, teoria pós-colonial e assim por diante nos EC desde 1970, quando Hall lecionou um curso de teoria cultural no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CECC) em Birmingham.

New Cultural Studies is gesturing towards the forging of its own – a cultural studies which (at least in the case of the contributors to this book) is conceived and thought through the work of Gilles Deleuze, Henri Bergson, Jacques Derrida, Slavoj Žižek, Michael Hardt and Antonio Negri, Giorgio Agamben, Friedrich Kittler, Donna Haraway, Alain Badiou, Emmanuel Levinas, and/or Georges Bataille et al. as well as that of Richard Hoggart, Raymond Williams, Stuart Hall, Lawrence Grossberg, Kuan-Hsing Chen, Tony Bennett, bell hooks, Angela McRobbie, Meaghan Morris, Tricia Rose, Henry Giroux, Paul Gilroy or the Birmingham School. Indeed, diverse though they maybe, a feature we would suggest most of the contributors to this book can perhaps be said to share or have in common in one way or another is precisely a willingness to rethink and reinvent cultural studies – to question what the possibilities of doing cultural research can be and to explore and experiment with thinking them differently and otherwise, and thus, by remaining open to the irruption of otherness or alterity, to imagine a new cultural studies – and to draw on theory in some shape or form for help in doing so⁹ (Hall; Birchall, 2006, p. 21-22).

Logo, os *New Cultural Studies* estão tentando inventar um estudo cultural que venha depois de Hall e de Birmingham, um “depois” ou “novo” não só como continuação ou “reação a”, mas seguindo os passos já dados pela tradição. Isto é, um estudo cultural que não abandona nem só afirma a tradição, mas que repete a diferença e a inventividade com sua força disruptiva e efeito performático, a fim de experimentar possibilidades de fazer EC, também após a teoria. Conclui-se que esse *New* pressupõe

poderiam talvez ser incluídos nesta última categoria, embora em graus e extensões variados” (tradução nossa).

⁹ “Os novos estudos culturais estão caminhando para a formação de seus próprios estudos culturais, que (pelo menos no caso dos colaboradores deste livro) são concebidos e pensados através da obra de Gilles Deleuze, Henri Bergson, Jacques Derrida, Slavoj Žižek, Michael Hardt e Antonio Negri, Giorgio Agamben, Friedrich Kittler, Donna Haraway, Alain Badiou, Emmanuel Levinas e/ou Georges Bataille et al., bem como de Richard Hoggart, Raymond Williams, Stuart Hall, Lawrence Grossberg, Kuan-Hsing Chen, Tony Bennett, bell hooks, Angela McRobbie, Meaghan Morris, Tricia Rose, Henry Giroux, Paul Gilroy ou a Escola de Birmingham. De fato, por mais diversos que sejam, uma característica que sugerimos que a maioria dos colaboradores deste livro talvez compartilhe ou tenha em comum é a disposição de repensar e reinventar os EC – questionar quais são as possibilidades de se fazer pesquisa cultural e explorar e experimentar formas diferentes e alternativas de pensar sobre elas e, assim, permanecendo abertos à irrupção da alteridade, imaginar novos EC – e recorrer à teoria de alguma forma para ajudar a fazê-lo” (tradução nossa).

uma interlocução entre os EC e a filosofia, especialmente na relação entre os eventos recentes na cultura em rápidas mutações.

Elementos questionados por Shome (2024, p. 492) abordam que a contribuição e linguagem pós-colonialista permitem riqueza aos EC, pois as tradições dos EC dos EUA e do Reino Unido são provincializadas, historicizadas, geopolitizadas e localizadas. Ou seja, os EC podem buscar formas de tensionar a própria lente dos EC, justamente pela possibilidade de abertura e flexibilização dos EC, sem perder de vista suas ‘fronteiras’. Para Kellner (2001), a melhor forma de realizar os EC é no contexto da teoria crítica da sociedade, que fornece perspectivas úteis sobre a sociedade contemporânea e é útil criticamente aos EC.

Nesse âmbito das teorias críticas, desde a Escola Frankfurt, mas agora no contexto contemporâneo da teoria crítica de gênero e de raça, pode-se introduzir as discussões da interseccionalidade como ponto de partida analítico das relações sociais e culturais, termo que surge com Kimberlé Crenshaw por volta de 1989, mas ampliado sobretudo por autoras como Patrícia Hill Collins (2024). Collins apresenta a interseccionalidade como pensamento crítico e avalia o que existe de crítico na teoria crítica, abordando o conhecimento como poder e destacando a ação social como forma de conhecimento, pensando experiência e comunidade; além disso, ela resgata o caráter relacional presente na discussão sobre a interseccionalidade. Dada a intersecção de marcadores sociais da diferença entre os grupos e os sujeitos, destaca-se o elemento relacional desta posição como um pertinente elemento na análise dos EC em suas atuais configurações e deslizes.

Ademais, há a pertinência das inovações pós-estruturalistas (para alguns, teorias “pós-modernas”¹⁰, mas reitero suas distinções ou necessárias fronteiras, sem perder de

¹⁰ Uso as aspas indo ao encontro da noção de Linda Hutcheon, em *“The Politics of Postmodernism”* (1989), ao pontuar que, quase sempre, falar em “pós-modernismo” é dizer algo e, ao mesmo tempo, colocar aspas ao redor do que está sendo dito, pois pode ser “tudo”, ou mesmo “nada”.

vista as semelhanças epistêmicas¹¹) os quais permitem analisar de forma abrangente os aspectos da atualidade nas novas modalidades de subjetivação e subjetividade. Ou seja, a combinação dos melhores recursos propiciados pelas teorias modernas com algumas perspectivas pós-modernas, o que constitui o instrumental útil para a teoria social e cultural, bem como a crítica cultural, o que atualiza os próprios EC, visto que, em seus melhores trabalhos, os proponentes dos EC sempre contextualizaram as suas investigações frente aos acontecimentos que lhes eram contemporâneos.

Nessas conjunções entre teorias emergem as reflexões de McRobbie em *"Postmodernism and Popular Culture"* (1994) e *"The uses of cultural studies"* (2005), em que Judith Butler é uma das frentes de mobilização no âmbito dos EC, ela é centralizada, ao lado de Hall, como figura "pioneira" em uma política dos EC pós-feministas¹², abarcando-se a escrita de Butler acerca do gênero e o campo descrito como "estudos culturais feministas", no qual o pós-estruturalismo da autora (para alguns, pós-modernismo) a impulsiona em direção a fenômenos discursivos que a põe na vanguarda de uma "virada cultural". Não é possível prescindir dela, é necessário (re)afirmar isso porque houve pouca tentativa sustentada de traçar envolvimento com essa escrita em relação aos estudos de cultura. Os EC foram, desde o início, "pós-marxistas", estando (no gerúndio) com ele em sentidos diversos, em consensos e dissensos, sem um "encaixe", dado os próprios objetos e objetivos dos EC.

It is not just textuality, difference, identity politics, and Derrida's insistence on the relational and unfixed nature of meaning (the 'floating signifier'), nor is it the 'interruptions' of feminism and race which have wrought the crisis of Marxism in cultural studies. Stuart Hall is quite right to remind us that from the start cultural studies emerged as a form of radical inquiry which went against reductionism and economism, which went against the base and superstructure metaphor, and which resisted the notion of false consciousness. However, no matter how far removed cultural theory became from political economy, it did retain a sense of political urgency¹³ (McRobbie, 1994, p. 44).

¹¹ Como mostra Chris Barker, em *"Cultural studies: theory and practice"* (2005, p. 19), ao pontuar que não há equação simples entre pós-estruturalismo e pós-modernismo, em que o prefixo pode levar a confusões, mas eles compartilham uma aproximação comum epistemologicamente, como a rejeição a verdades como um objeto fixo e eterno.

¹² *"Politics of Post-feminist Cultural Studies"*.

¹³ "Não é apenas a textualidade, a diferença, a política de identidade e a insistência de Derrida na natureza relacional e não fixa do significado (o "significante flutuante"), nem as "interrupções" do feminismo e da

Vê-se que os EC já “lutavam” contra certos reducionismos e traços economicistas, engendrando contradições no próprio campo, isso não advém necessariamente dos “pós-modernos” ou dos seus fantasmas. É preciso aceitar o fato de que os EC foram transformados à medida que os debates sobre pós-modernismo e pós-modernidade substituíram debates familiares sobre a ideologia e os “neoconceitos” de hegemonia. Afinal, as críticas às metanarrativas coincidem com o surgimento crítico no pós-colonialismo, no qual o sujeito subalterno não conseguia encontrar um espaço confortável de identidade dentro da análise marxista da história baseada em classes. São aspectos que se aglutinam no montante de conceitos com suas imbricações e “perturbações” de definições, de análise coerente e coesa, objetos interessantes nos próprios EC, são os novos tempos ‘dos’ e ‘nos’ EC.

Entende-se que uma gama de mobilizações teórico-políticas e práticas estão em movimento com aspectos que nem sempre foram postos no que se entende, inicialmente, por EC, em seu sentido britânico. Afinal, dadas as novas formulações do tempo-presente, novos fenômenos fazem com que as teorias naveguem e sejam conectadas na medida em que possam “responder” a demandas do próprio tempo em que se encontram. Hall (1991, p. 282), em *“Cultural studies and its theoretical legacies”*, já advertia que houve duas interrupções no trabalho dos EC britânicos: a primeira em torno do feminismo e a segunda em torno de questões raciais, sobretudo na abertura do “pessoal como político” e as suas consequências para a mudança do objeto de estudo nos EC. Dada a abertura de questões em torno da “área perigosa” do subjetivo e do sujeito, que colocou essas questões no centro dos EC como prática teórica, na “reabertura” da fronteira fechada entre a teoria social e a teoria do inconsciente: a psicanálise. Um dos aspectos é dirigido aos que refletiram acerca do “sujeito pós-

raça que provocaram a crise do marxismo nos EC. Stuart Hall está certo ao nos lembrar que, desde o início, os EC surgiram como uma forma de investigação radical que ia contra o reducionismo e o economicismo, que ia contra a metáfora da base e da superestrutura, que resistia à noção de falsa consciência. No entanto, por mais que a teoria cultural se afastasse da economia política, ela manteve um senso de urgência política” (tradução nossa).

moderno”, isto é, um sujeito ou “homem” descentrado na “superficialidade” da cultura de massa; mas, para Hall, é esse descentramento da consciência que lhe permite, como sujeito diaspórico, emergir, o que também ocorre com outros grupos.

Esses diversos “pós” (pós-modernismo; pós-estruturalismo; pós-colonialismo e afins) são atacados por serem supostamente contra a razão e a verdade, ou ao Iluminismo. Entretanto, esses pressupostos convidam os sujeitos a considerarem os questionamentos acerca do fato de que as linguagens e as formas de formulação dos pensamentos talvez não façam jus ao que se propõem em determinados pontos de vista (fundamentar uma suposta verdade ou metanarrativa); ou seja, a questionarem se não há lacunas, engodos, enclausuramentos etc. Por isso, quaisquer pessoas interessadas em questões de razão ou de verdade estariam dispostas a considerarem tais problematizações, sem considerá-las simples jargões ou exageros linguísticos e acadêmicos, ampliando perspectivas.

A PLURALIZAÇÃO CONTEXTUAL E TEMPORAL NOS ESTUDOS CULTURAIS: NOVAS PRÁTICAS E PRODUTOS CULTURAIS, SEUS USOS, DESUSOS E RÁPIDAS MUTAÇÕES

Santos; Karnopp e Wortmann (2022) organizam uma obra em que diversos artigos de estudiosos dos EC, de diversos países, articulam reflexões acerca desse campo. São artigos da *International Journal of Cultural Studies*, em uma edição de 2020 intitulada: *What is Cultural Studies?*¹⁴. O que são e onde estão os EC hoje? Em que está sendo transformado? O que deveria ou poderia ser? O que significa?¹⁵. São algumas questões feitas, à época, pela revista. Nick Couldry (2022) questiona se os EC

¹⁴ *What is Cultural Studies?*. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/page/ics/cultural-studies/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

¹⁵ “*What and where is Cultural Studies today? What is it becoming? What should or could it become? What is its meaning? What is at stake as we assess the ongoing development and maturation of Cultural Studies as field? Over several years, International Journal of Cultural Studies solicited provocative answers to these and related questions, from a range of scholars internationally*”. Essa é a introdução original com diversas perguntas e que está presente na edição de 2020 da *International Journal of Cultural Studies*. Link na nota de rodapé anterior.

“incubados” nos anos 1950 e 1960 encontram condições para seu desenvolvimento. Afinal, hoje as condições são outras e as novas ecologias têm se mostrado hostis aos seus objetivos, somando-se os novos fenômenos e dinâmicas socioculturais. Ien Ang (2022) remonta a este persistente sinal de insegurança em torno do esforço de esclarecer o que seria possível chamar de “estudos culturais”.

Contudo, os saberes dos EC podem percorrer a contemporaneidade com foco em qualquer questão considerada relevante. Nesse aspecto, a falta de fronteiras fixas de tópicos torna os EC uma prática ágil de investigação capaz de se envolver com novos fenômenos, o que pode causar problemas. Afinal, enfrentam-se novos desafios e parte desse trabalho não é visto como EC, pois tendem a ser categorizados sob rótulos mais novos como “estudos de ciência e tecnologia”, talvez por ultrapassarem preocupações teóricas predominantes nos EC no aspecto da identidade e da representação.

O que é explicitamente reconhecido como trabalho em estudos culturais está sendo esvaziado pelo florescimento de uma série desorganizada de especialidades discretas, mas sobrepostas, como – para citar apenas alguns – estudos queer, estudos de trauma, estudos de deficiência, estudos de alimentos, bem como, é claro, estudos de mídia e comunicações, estudos de ciência e tecnologia e estudos sinófonos etc. (Ang, 2022, p. 41).

Dessa forma, Couldry (2022) reflete se podemos reinventar os EC ou o que estaria faltando no campo interdisciplinar do qual os EC são apenas uma parte (incluindo os estudos raciais críticos, os estudos *queer* e a sociologia da cultura) que, somados, constituem uma resposta a essas crises que se cruzam. Há defesas, as quais concordo, de encarar os EC como uma prática intelectual e acadêmica em movimento, não como uma “escola” com cânones de teorias e metodologias. E, como é o caso de Fornäs (2022), faz-se um alerta de que é necessária a abertura de fronteiras precisas de demarcações para tornar identificáveis agentes ou arenas, pois a capacidade inerente de cruzar fronteiras acadêmicas não implica total falta de distinção, para que não venha a ser um significante vazio. Afinal, os EC abrigam uma dialética de fronteiras e transgressões, mas o cruzamento de fronteiras não teria sentido e seria impossível se algumas distinções não fossem feitas.

Sob tais aspectos, ao investigar as distinções feitas em periódicos no campo dos EC, Fornäs (2022) constata que palavras como “diversidade, contextualização e crítica¹⁶” são três facetas do projeto dos EC, em que as questões de significado, identidade e poder são identificadas como tópicos centrais, os quais foram associados à sua tradição britânica, mas não têm uma raiz definidora; seja na teoria ou na prática, as metodologias de travessia de fronteiras merecem atenção. Por isso, é preciso focar texto e contexto, pois é essa dupla inter-relação com os sujeitos que precisa estar no centro dos EC, com um compromisso renovado com o conceito de cultura e com a interpretação, por serem esses os traços que distinguem a pesquisa cultural da pesquisa social, indica o autor.

Assim sendo, vê-se que há um paradoxo que é o de delimitar “fronteiras” e, ao mesmo tempo, expandir e não traçar de formas objetivas essas fronteiras teórico-metodológicas. Trata-se de estabelecer os seus objetivos centrais de pesquisa definindo propósitos que reiteram a necessidade de pensar no conceito antropológico de cultura em uma prática (teórica e metodológica) que acolha diversidade e crítica para a interpretação de artefatos e práticas culturais nas instituições diversas e em elementos e produções culturais, como na cultura de massa, inclusive com o “aval” da internet. O duplo foco está nas relações de poder e na construção de significado em simbiose na produção da cultura.

Conclui-se que nos EC não há um “método” no sentido tradicional e que há uma variedade de abordagens, técnicas e metodologias combinadas, tendo em mente novos fenômenos nas novas relações sociais, para que se possa analisar as relações entre cultura, poder e identidade, aliadas à linguagem, na crítica das categorias construídas social e culturalmente, em torno de marcadores de classe, raça e gênero, buscando entender como essas categorias moldam as experiências humanas e as relações socioculturais. Dito isso, trata-se sobretudo de pesquisas qualitativas, em que a

¹⁶ Fornäs (2022) reflete acerca desses conceitos na diversidade de teorias e metodologias; na contextualização e na crítica ao investigar e questionar normas dominantes e estruturas de poder na cultura, na sociedade e na produção do conhecimento.

semiótica e a hermenêutica aparecem com frequência na análise e/ou na interpretação de dados.

TECENDO CONSIDERAÇÕES

Viu-se a dimensão pluralística e em movimento dos EC, desde o seu surgimento até chegarmos aos parâmetros de discussões mais recentes, promovendo meios de visualizar a sua aplicabilidade teórico-metodológica de modo a facilitar a compreensão dos interessados nas práticas sociais e culturais, sobretudo nos modos de fazer e de aplicar a perspectiva dos EC. Para isso, mobilizou-se a visão clássica dentro dos EC Britânicos, de viés marxista, em diálogo com as perspectivas americanas frente aos novos temas insurgentes nos EC, como o relacionado ao escopo dos *New Cultural Studies*.

Portanto, caso o leitor queira mobilizar os EC em suas pesquisas, pode-se fazer isso tendo em mente uma visão teórica com a centralidade da cultura como marcadora das relações e das dinâmicas sociais, econômicas e políticas, engendrada na noção de classe, em uma forma de pensar advinda dos EC na discussão das práticas socioculturais. Observando, assim, como pioneiros no “campo” impulsionaram seus focos de pesquisa, desde Williams, Hoggart e Thompson, em estudos concernentes à classe trabalhadora, ao conceito de cultura e às práticas socioculturais daquele contexto; bem como dos estudos de Hall com a dimensão étnico-racial e da linguagem na representação. Tudo isso permite a observação de dinâmicas mais plurais pelo viés da cultura, tecendo as próprias experiências da experiência vivida com a vida acadêmica.

Assim como das mutações e transformações dos EC nas dinâmicas intelectuais americanas, as quais admitiram interlocuções diversas com as contribuições pós-estruturalistas, aliadas aos Novos Estudos Culturais que, ao abarcarem dimensões novas na contemporaneidade, permitem irromper ainda mais com esses diálogos e deslizes

conceituais, ampliando e, ao mesmo tempo, buscando delimitar fronteiras, dado o seu escopo político e prático, não apenas teórico, nas maneiras de perceber a(s) cultura(s).

Por fim, tendo em mente esses novos fenômenos postos pela cultura, sobretudo com a internet, as novas identidades ou identificações, o terreno escorregadio da produção de informações etc., despontam-se novas maneiras de ver e de pensar as manifestações das práticas socioculturais afetadas pelos novos agenciamentos e relações entre os sujeitos; assim, a aplicabilidade dos EC mobiliza, no pesquisador, formas de ver o mundo e de mobilizar a pesquisa com certos conceitos e perspectivas das dinâmicas das práticas socioculturais. Portanto, cabe ao leitor notar que ao utilizar os EC, assumirá uma posição ao enxergar o mundo e ao descrevê-lo, sobretudo um olhar que é teórico-político em suas relações e práticas; logo, é-me preciso conceber uma tomada de posição teórico-político-acadêmica e prática na análise de quaisquer objetos circundantes, em distintos contextos e épocas.

REFERÊNCIAS

ANG, Ien. Sobre os estudos culturais, novamente. In: SANTOS Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

BARKER, Chris. **Cultural studies: theory and practice**. London: Sage Publications, 2005.

BIRCHALL, Clare; HALL, Gary (Ed.). **New cultural studies: adventures in theory**. George Square, Edinburgh: University of Georgia Press, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva. **Dez lições sobre estudos culturais**. Editora Boitempo, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Tradução: Bruna Barros, Jess Oliveira; orelha: Elaini Cristina Gonzaga da Silva. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2022.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, p. 36-61, 2003.

COULDRY, Nick. Estudos culturais – podemos/devemos reinventá-los? In: SANTOS Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma; JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

FORNÄS, Johan. Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções. In: SANTOS Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

GROSSBERG, Lawrence. Does Cultural Studies Have Futures? Should It? (Or What's The Matter With New York?) Cultural studies, contexts and conjunctures. **Cultural studies**, v. 20, n. 1, p. 1-32, 2006.

HALL, Stuart. The emergence of cultural studies and the crisis of the humanities. **The Humanities as Social Technology**, October, v. 53, p. 11-23, 1990.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In: GROSSBERG; Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula (eds). **Cultural Studies**. London: Routledge, 1991. p. 277-294.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende ... let all. – Belo Horizonte: Editora: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart; SCHWARZ, Bill. **Familiar stranger:** a life between two islands. Durham, NC: Duke University Press, 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. - Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MCROBBIE, Angela. **Postmodernism and popular culture**. London: Routledge, 1994.

MCROBBIE, Angela. **The uses of cultural studies**: a textbook. London: SAGE Publications Ltd, 2005.

RODRIGUES, Aguinaldo GOMES et al. Um Cânon para os Estudos Culturais no Brasil: autores, interpretações e apropriações na área de educação. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 20, n. 1, p. 209-229, 2023.

SANTOS Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SHOME, Raka. Cultural studies, what is it (and is not): once more with feeling. **Critical Studies in Media Communication**, v. 41, n. 5, p. 490-499, 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords**: A vocabulary of culture and society. Oxford university press, 1985.

Data da submissão: 07/02/2026.

Data do aceite: 28/05/2026.